

## Economia

**Exclusivo**

ECONOMIA

Golfe em Portugal quase esgotado com reservas de turistas ingleses. "Temos o coração nas mãos, sem saber se haverá aviões para os trazer"



Andrew Redington/Getty Images

Campos do Algarve ou na região de Lisboa estão com procura de estrangeiros aos níveis

anteriores à pandemia para a próxima época alta, de setembro a meados de novembro, o que se estende aos hotéis. Mas ainda é uma mão cheia de nada: "São reservas que não estão confirmadas nem pagas", frisa a Confederação Nacional da Indústria do Golfe

17 AGOSTO 2021 19:00



**Conceição Antunes**

Jornalista

As reservas de estrangeiros, à cabeça britânicos, nos campos de golfe em Portugal estão a níveis "muito fortes" e idênticos aos de antes da pandemia para a próxima época alta, que decorre de setembro a meados de novembro, mas, segundo a Confederação Nacional da Indústria de Golfe (CNIG), ainda é um grande ponto de interrogação saber se virão a concretizar-se.

"Todos os campos do Algarve ou a oeste de Lisboa têm previsões de ocupação muito elevadas a partir de setembro e alguns já estão com a capacidade esgotada", adianta Luís Correia da Silva, presidente da CNIG, lembrando que a expectativa de grande procura se estende também aos hotéis e, no geral, a todos os campos de golfe no país que dependem de clientes estrangeiros.

"Mas estamos todos com o coração nas mãos. O problema é que as reservas que existem não estão confirmadas nem pagas e ninguém sabe ao certo qual é a oferta de voos que vamos ter para trazer esses jogadores virem ao Algarve e a Portugal", faz notar o presidente da confederação.

## **RESERVAS ACIMA DOS 75% A PARTIR DE SETEMBRO NOS GOLFES E NOS HOTÉIS**

A confirmarem-se as reservas de voltas que existem nos campos de golfe de setembro a novembro, que em média já estão acima de 75%, "podemos vir a ter o início da recuperação do sector do golfe em Portugal, o mês de outubro está mesmo muito forte, e poderá ser uma reviravolta na desgraça que tem sido a situação do golfe desde o ano passado", salienta Luis Correia da Silva.

O nível forte de reservas em outubro vem sobretudo de ingleses e irlandeses, que representam 70% de todos os jogadores de golfe nos campos do Algarve.

"Neste momento o problema é saber se vai haver disponibilidade de transporte aéreo para as reservas que temos nos campos de golfe do Algarve, a oeste de Lisboa ou na Madeira", sublinha Correia da Silva.

"Se a oferta de voos se materializar, a expectativa que temos é de resultados muito positivos na próxima época a partir de setembro, as reservas estão em linha do que estavam em 2019, mas não se traduzem em confirmações", reitera o presidente da confederação de golfe, referindo que, para o sector, o cenário que se abre a partir de setembro tanto pode ser um excelente, como uma mão cheia de nada.



Voos para trazerem os turistas britânicos ao Algarve a partir de setembro é um dos aspetos que mais preocupam a indústria do golfe

Até porque a chave para o turismo resultar excelente ou péssimo a partir de setembro reside no mercado britânico. "Nas questões sanitárias, já nos habituámos a não ter confiança e a ter surpresas com as decisões do Governo inglês. E não sabemos, na hotelaria ou nos campos de golfe, o que vai acontecer aos ingleses em setembro e outubro", nota o responsável, frisando que o ideal, para o negócio do golfe, seria manter a situação atual, dos britânicos vacinados contra a covid poderem regressar ao Reino Unido sem terem de fazer quarentenas.

"É expectável termos resultados muito positivos no golfe de setembro a outubro, mas são previsões contidas, porque há muitas reservas e poucas confirmações, e não temos certeza

de haver voos suficientes para os ingleses poderem viajar até cá", resume Luís Correia da Silva.

A parte mais crítica é a dos pagamentos das reservas, ainda em suspenso. "Neste momento, não há nada pago. Estamos a meio de agosto e ainda não temos confirmações, e temos pouco dinheiro do lado de cá", constata o presidente da confederação da indústria de golfe, frisando que os operadores turísticos estão renitentes em avançar pagamentos de reservas efetuadas, para não se comprometerem com o que poderá ocorrer a curto prazo.

Luis Correia da Silva, também presidente executivo da Dom Pedro Golfes, proprietária dos campos no Algarve, em Vilamoura, exemplifica que o seu grupo está a contactar, para reservas de voltas a partir de setembro, "o equivalente a 800 por dia no sentido de confirmar as reservas, o que é um enorme trabalho".

### **SECTOR DO GOLFE NUM "DESASTRE TOTAL" DESDE 2020**

As reservas em alta a partir de setembro são um sinal de esperança para o sector do golfe em Portugal, que tem sido severamente atingido com a situação da pandemia e as suas constantes alterações.

"Nos primeiros seis meses de 2021, estamos com 25% a 30% do volume de voltas que teríamos no mesmo período em 2019", constata o presidente da CNIG, lembrando que, se 2020 já foi muito mau para os campos de golfe, "2021 ainda está a ser pior, é uma desgraça total".

"Ninguém jogou nos campos nacionais em março, abril e maio, que é a primeira época alta do golfe em Portugal", destaca Correia da Silva, lembrando que "alguns campos ainda estão fechados, porque pura e simplesmente não há

jogadores", e que "85% dos cerca de 90 campos de golfe existentes em Portugal dependem de estrangeiros".

No primeiro semestre de 2021, a CNIG dá conta de uma quebra de 60% no número de voltas jogadas em relação ao mesmo período do ano passado, e de 70% nas receitas, na maioria dos campos nacionais que dependem fortemente de jogadores estrangeiros - cujo impacto é maior em termos financeiros, uma vez que muitas das voltas jogadas resultaram de marcações feitas em períodos anteriores.

Há duas realidades diferentes a destacar relativamente aos resultados dos campos de golfe no primeiro semestre deste ano. Campos com um número elevado de sócios nacionais, ou de estrangeiros residentes, tiveram até um aumento no número de voltas jogadas, apesar de não se traduzir em aumento de receitas. É o caso típico de golfes no Estoril, Quinta da Marinha, no Porto ou em Viseu.

"Os sócios pagam uma anuidade e podem jogar o ano todo. Muitas pessoas estão em teletrabalho, e como não têm de ir ao escritório todos os dias ficam com mais tempo livre por semana para jogarem golfe", explica Luis Correia da Silva.

Mas a maioria dos campos de golfe em Portugal são mais "turísticos" e dependem fortemente de estrangeiros - o que inclui todos os campos do Algarve ou na zona a oeste de Lisboa, como o Praia d'el Rey - e onde a pandemia gerou um rombo de receitas no primeiro semestre da ordem dos 70%.

"Vivemos realmente uma situação muito estranha e arriscada. Poderemos vir a ter o início da reviravolta para a recuperação na próxima época alta de golfe a partir de setembro, mas continuamos com o coração nas mãos porque

nada está confirmado", conclui o presidente da confederação que representa a indústria portuguesa de golfe.